



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Urbanidade no espaço privado: bares e espaços congêneres como lugares de “convivialidades”.**

*Urbanity in private spaces: bars and similar spaces as conviviality places.*

*La urbanidad en el espacio privado: bares y otros espacios semejantes como lugares de "convivialidades".*

REIS, Vanessi

REIS, Vanessi; Professora Mestre, Centro Universitário Metodista – IPA; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/ UFRGS; Porto Alegre; RS, Brasil; e-mail: vanessi.reis@gmail.com

## Urbanidade no espaço privado: bares e espaços congêneres como lugares de “convivialidades”.

*Urbanity in private spaces: bars and similar spaces as conviviality places.*

*La urbanidad en el espacio privado: bares y otros espacios semejantes como lugares de "convivialidades".*

### RESUMO

Há muito tempo, o uso do espaço aberto e dos estabelecimentos lindeiros às áreas portuárias, centros e às zonas de meretrício, ocorre com práticas boêmias que atraem muitos simpatizantes.

Nestes locais, a vivência do espaço social pelos moradores se confunde e mescla com a boemia feita por grupo composto, também, por estranhos (lugares de heterotopia).

Em Porto Alegre, estes espaços atendem à população local e aos seus inúmeros frequentadores e visitantes, em lugar onde o espaço privado choca-se com o caráter público de seu uso, ao mesmo tempo em que cria reconhecibilidade e familiaridade pelos seus frequentadores.

Entre os espaços privados e os públicos, criam-se “zonas” configuradas como “espaços híbridos”, onde a fusão entre interior e exterior se dá pela instalação de equipamentos internos na área externa, ou pela ocupação social destes espaços, configurando lugares identitários.

Em todos estes casos, a motivação (lazer) oportunizada pelos espaços (bares) pode desencadear o uso destes locais pela apropriação para ações próprias da rua (urbanidades). O presente artigo busca responder a demanda sobre o que e como, no bar, o torna oportuno à sua ocupação enquanto espaço de urbanidade.

Esta pesquisa exploratória intenta apresentar alguns estudos de caso que norteiam a investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lugar, urbanidade, convivialidade, heterotopia.

### ABSTRACT

*In a long time, the open spaces of port areas, downtowns and prostitution districts is used to night life activities, attracting many users. In those places, the daily life of the inhabitants is mixed with the night life outsiders in a composed group called heterotopia. In Porto Alegre, those places serve to the local population and his various user groups, in which the private spaces collide with the public character of its spaces, creating some kind of familiarity and recognition by his users. Between private and public spaces, it creates "zones" set to "hybrid spaces", where the fusion between inside and outside is done by the installation of internal equipment in the outdoor area, or the social occupation of these spaces, configuring identity places. In all these cases, the motivation (leisure) nurtured by spaces (bars) can trigger the use of these sites by street actions (urbanities). This article seeks to answer the demand of what and how, at the bar, makes it appropriate to occupation as a place of urbanity. This exploratory research intends to present some study case that guide the research.*

**KEY-WORDS:** Places, Urbanity, coexistence, heterotopia.

### RESUMEN:

*Hace mucho tiempo, el uso de los espacios abiertos y bordeando el puerto, los centros y los distritos de luz roja, las zonas con establecimientos bohemios se produce prácticas que atraen a muchos simpatizantes. En estos lugares, la experiencia del espacio social de los residentes se mezcla y se funde con la boemia tomada por el grupo, compuesto también por extraños (Lugares de heterotopía). En Porto Alegre, estos espacios sirven a la población local y sus muchos clientes y visitantes en el espacio privado donde se enfrenta con el carácter público de su uso, al tiempo que establece reconocibilidad y familiaridad para sus usuarios. Entre los espacios públicos y privados, se crea "zonas" en "espacios híbridos", donde la fusión entre el interior y el exterior es mediante la instalación de equipos de interior en el campo al aire libre o la ocupación social de estos espacios, la configuración de los lugares de*



*identidad. En todos estos casos, la motivación (ocio) alimentado por espacios (bares) puede desencadenar el uso de estos lugares por la propiedad de las acciones propias de la calle (urbanidades). Este artículo trata de responder a la demanda de qué y cómo, en el bar, que lo hace adecuado para su ocupación como un lugar de la urbanidad. Esta investigación exploratoria pretende presentar algunos estudios de caso que guían la investigación.*

**PALABRAS-CLAVE:** Lugar, urbanidad, convivialidad, heterotopía.

## 1. INTRODUÇÃO

O Cerâmico, bairro de Atenas, no séc. IV a.C. , lugar frequentado por músicos, pintores e poetas, em bares e casas de prostituição e dedicado a Kéramos, patrono dos ceramistas. Era o lugar mais próximo à entrada da Ágora (TEIXEIRA, 2003, pp. 22-29). “[...] *espaço público por excelência, da cultura e a política da vida social dos gregos. Estava normalmente rodeada pelos edifícios privados e públicos mais importantes, como as stoas (pórticos colunados), pritaneus (gabinetes administrativos), buletério (edifício para as reuniões da bulé) e balaneia (banhos). É nela que o cidadão grego convive com o outro para comprar coisas nas feiras, onde ocorrem as discussões políticas e os tribunais populares: é, portanto, o espaço da cidadania*” (WIKIPEDIA, Ágora). Era um lugar importante, política, religiosa e socialmente. E era perto deste espaço que o lugar do lazer noturno se desenvolvia.

Em vários outros lugares, ao redor do mundo, há muito tempo, as práticas boêmias e de lazer à noite se desenvolvem, em lugares com condições de localização, atração ou públicos semelhantes.

Em Paris, Montmartre desenvolve um lugar espacial apropriado pelos artistas, boêmios e simpatizantes próximos à área do sagrado – a Igreja Sacré-Coeur. O bairro transformou-se num ponto de encontro importante de artistas e intelectuais, famoso por sua vida noturna. Modelos, bailarinas e pintores como Degas, Cézanne, Monet, Van Gogh, Renoir e Toulouse-Lautrec frequentavam o lugar. Pelo bairro, vários ateliers de artistas são encontrados. A perpetuação dos artistas pelas suas ruas, e a prática artística à céu aberto, junto a oferta de lazeres concentrados à Place du Tertre, garantem a aura local.

No Uruguai, em Montevidéu, o centro de lazer noturno concentra-se junto à “Puerta de la Ciudadela”, vestígio de muralha que cercava a Cidade Vieja, o Centro Histórico da Cidade. Paralela à “puerta”, à Juncal, e perpendicular à Peatonal Sarandí, na Rua Bartolomé Mitre desenvolve-se a maior concentração de bares e congêneres da região central. Bares que se abrem à calçada, em rua de pouco movimento, cujos passeios são tomados por equipamentos e mobiliário de interiores, com ocupação social.

Em Buenos Aires, a Feira de San Telmo desenvolve-se em bairro de mesmo nome, ao longo da Rua Defense. Nesta região, de arquitetura eclética, de 2 a 4 pavimentos, térreos comerciais se abrem à rua, através da apropriação social por permanência com ou sem mobiliário, às estreitas calçadas, somadas ao fluxo da feira que se desenvolve no leito viário. Neste, somam-se aos visitantes, também os expositores que nela comercializam seus artesanatos. Ao longo da feira encontram-se vários espaços de lazer, mesclados com comércios de antiguidades e de lembranças turísticas.

No Brasil, várias cidades destacam centros potencialmente bem desenvolvidos no setor de lazer noturno.

Em São Paulo, dois setores despontam-se pela consagração de espaços boêmios: Vila Madalena e Bixiga. No primeiro, a área de bares desenvolveu-se após a valorização da área, a partir de meados dos anos 1960, quando houve migração de grande parte de sua população para a periferia, devido ao aumento dos aluguéis. Parte da população dirigiu-se ao Caxinguí, outra parte à Vila Sônia, à Previdência, etc. Os mais humildes migraram para Rio Pequeno, em região mais afastada, na divisa com Osasco.

O bairro desenvolve-se com características recorrentes em outros espaços nacionais de mesma função. Nele apresentam-se manifestações culturais, como o grafite, imprimindo características urbanas aos pequenos guetos de seu interior, assim como garantem visibilidade, autoafirmação e valorizam as culturas *underground*. Há comercialização de antiguidades e artesanato, reforçando a produção cultural local e a manutenção da aura de espaço de memória. Além disso, o casario local foi apropriado pelo comércio de lazer e alimentação, consagrando uma região boêmia de destaque na cidade.

Já o Bixiga, também em São Paulo, é um espaço delimitado a partir do imaginário social, consagrado pelas sociabilidades e imagem urbanas. É um “lugar” dentro dos limites espaciais do bairro Bela Vista. Delimita-se aproximadamente à região localizada entre as ruas Major Diogo, Avenida Nove de Julho, Rua Sílvia e Avenida Brigadeiro Luís Antônio (WIKIPEDIA, Bixiga).

Muitas cidades desenvolveram suas “baixas cidades”, no sentido físico-territorial, harmonizando-se com o uso “maldito” (“baixo”) ou indesejável da área. No Bixiga, a “Escadaria” que leva o nome do lugar, localizada ao “*lado da Praça Dom Orione, une a parte baixa do bairro à alta, na Rua dos Ingleses, dando acesso por um lado ao Museu dos Óculos, Museu Memória do Bixiga e Teatro Ruth Escobar, e do outro às famosas cantinas italianas e feira de antiguidades*” (Blog Casarão do Bexiga, passim).

Em Porto Alegre, a região fisicamente correspondente à cota mais baixa da Cidade é o bairro Cidade Baixa. À época de sua fundação, regiões mais altas foram preferidas à urbanização, para evitar inundações pelo riacho próximo ao centro e à instalação da população. Este lugar, baixo, alagadiço, castigado por ventos frios e local úmido, se consagrou espaço de pobres e excluídos, onde se desenvolveram regiões mal afamadas por práticas boêmias e de prostituição. Historicamente reduto maldito, a região acabou desenvolvendo a boemia e concentrando a maior parte dos espaços de lazer noturnos da Cidade (REIS, 2003).

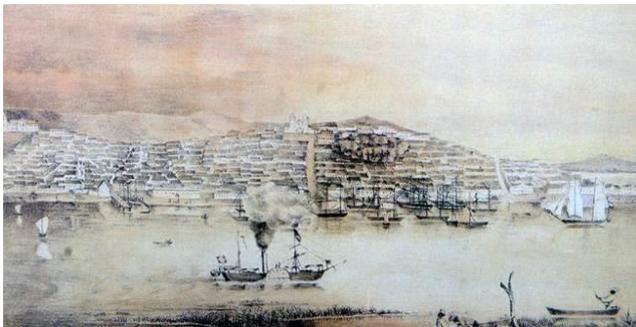
## 2. HISTÓRICO DA CIDADE BAIXA

### 2.1. A “BAIXA CIDADE”

Porto Alegre iniciou seu povoamento na parte norte da península que divide a cidade em duas regiões, a partir deste espigão granítico que se desenvolve no sentido leste – oeste. Esta barreira protegia o litoral norte dos ventos fortes que vinham do sul, e assim configurou um porto natural naquela face. Embarcações vindas do sul contornavam a costa para atracar seus navios em margem de maior profundidade e mais protegida dos ventos (figuras 1 e 2).

Protegendo-se dos frios e fortes ventos vindo do sul, os açorianos (imigrantes vindo para uma ocupação de emergência para garantir a posse lusa do território após assinatura do Tratado de Tordesilhas) iniciaram o povoamento da cidade nesta área, próximos à água, para o abastecimento às moradias e ao porto, para fácil acesso às mercadorias (SPALDING, 1967, p: 29).

Figura 1: Porto Alegre vista das ilhas, 1852. Rudolph Hermann Wendroth.



Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.



Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

Figura 2: Porto Alegre pelo sul, 1852. Autor: Rudolph Hermann Wendroth.

Ao sul do espigão, por questões geográficas, a área tinha terrenos de baixa cota e alagadiços: tanto pela proximidade com o riacho quanto pela proximidade do rio, que, por várias vezes, deixou a área submersa.

Nesta época, o “Centro Urbano”<sup>1</sup>, na época, correspondia à área limitada pelas Ruas Bento Martins, Duque de Caxias e Marechal Floriano, e também era definida nesta lei. A área fora deste limite era considerada rural e, apesar de ser considerada incluída no limite oficial da Cidade, era tratada como área “fora da Cidade”.

Esta parte excluída era a Cidade “baixa” ou “Baixa Cidade”:

Limita-se esta cidade de Porto Alegre, pela rua travessa, que vai do Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria) aos primeiros moinhos de vento que são hoje pertencentes a Antônio Martins Barbosa até o meio da largura da estrada imediata (atual Avenida Independência) e desta, em linha reta, até a embocadura da Rua da Olaria (atual Lima e Silva) pela frente da chácara do Sargento-Mor João Luiz Teixeira, e da mesma embocadura em linha reta até o riacho, segundo por ele até a sua embocadura. (MACEDO, 1973, p: 73)

A partir da metade do século XIX, a Cidade começa a sofrer novas transformações. Em 1893 seus limites são atualizados, e neste período algumas providências são tomadas para melhoria da sanidade e higiene da capital. Foi determinado que toda a pobreza e sujeira da Cidade deveriam ser despachadas à face sul, sendo que imundícies deveriam ser atiradas às margens do rio, na desembocadura do riacho. Para esta região também foram transferidas as lavadeiras da escadaria da alfândega, para evitar a exposição de intimidades à entrada da cidade (no porto, onde lavavam as roupas). Além disso, o segundo matadouro, à região da atual da Praça Garibaldi, é transferido à atual Praça Rui Barbosa para liberar os detritos das matanças (à época do sitiamento da Revolução Farroupilha – 1835-1845) sendo transferido de volta à região da Praça Garibaldi (FRANCO, 1998, passim).

Com a abolição da escravatura (1888), alguns negros libertos permaneceram na área rural da Cidade, instalando-se à Cidade Baixa ou Bom Fim.

O entorno imediato ao limite da antiga muralha (paliçada) que cercou a cidade até, aproximadamente, 1845, se encontrava tomado por cortiços (REIS, 2012, p.3). A região da

<sup>1</sup> As Posturas Policiais aprovadas pelo Conselho Geral da Província, em 10 de fevereiro de 1831, estabelecia, em seu primeiro capítulo, a determinação dos “novos limites urbanos” que incluíam a região do Centro da Cidade (zona urbana) e a área referente à “Baixa Cidade”. As “Posturas Policiais” eram um código que orientava o saneamento, controlava a abertura e fechamento de comércio e estipulava os locais e a intensidade para o castigo dos escravos, dentre outras determinações.

Cidade Baixa, que fazia contato com a muralha, apresenta um adensamento territorial com casario de madeira, que acolhia os negros libertos e, também, os imigrantes que nela se instalaram junto com seus comércios e serviços.

Em seu território desenvolveu-se a parte mais “sombria” da Cidade, onde havia grande frequência masculina, em boates, bailes, tavernas e lupanares (MAUCH, 1994, passim).

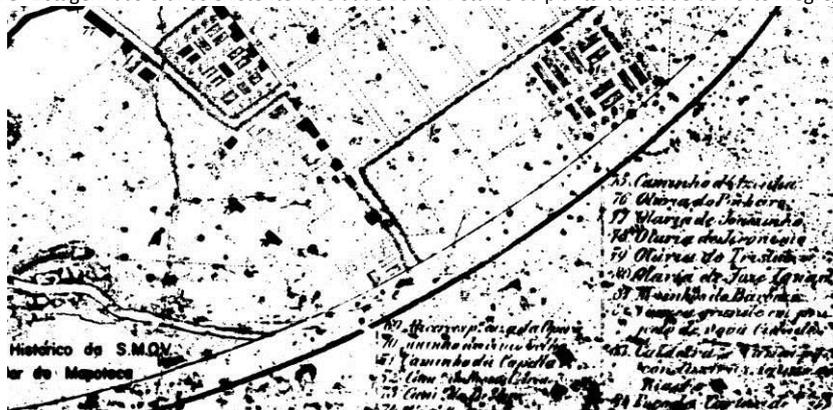
### 3. TIPOLOGIA LOCAL

#### 3.1 CONSOLIDAÇÃO

O bairro apresenta solo argiloso. Seu conjunto físico-ambiental apresenta ventos frios e umidade, terreno alagadiço e mosquitos. Não era muito próprio à ocupação. Sequer a paliçada de proteção à Cidade (descrito como muro ou muralha) conseguiu permanecer íntegra em seu solo argiloso e úmido (onde se encontrava seu ponto frágil, por onde houve a invasão da Cidade) (MACEDO, 1999, passim).

Este solo era matéria prima para a produção de telhas de barros e tijolos. Por isso, ao longo do riachinho que ali desembocava, foram surgindo várias Olarias, ali alocadas pela disponibilidade de matéria prima e fácil distribuição dos produtos nelas produzidas, através do transporte hidroviário feito por pequenas embarcações que se deslocavam no riacho (figura 3).

Figura 3: Listagem das Olarias existente na Cidade Baixa. Detalhe da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839.<sup>2</sup>



Autor: Luís Pereira Dias. Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

A instalação destas indústrias locais facilitou pela proximidade e barateamento, a substituição das edificações de madeira por alvenaria, na região. A reconstrução da região do Bom Fim e da Cidade Baixa – regiões extramuros e de concentração de cortiços à população menos abastada - proporcionou a consolidação de uma tipologia única para todo o anel circundante à região até então considerada “Centro”. As antigas chácaras existentes na região também foram desmembradas, criando loteamentos e aberturas de novas ruas, que permitiram melhor circulação local (figura 4).

Figura 4: Bairro Centro, Bairro Bom Fim e Bairro Cidade Baixa (foto Aérea). 1952.

<sup>2</sup> As imperfeições da imagem, que dificultam a leitura da mesma, são provenientes do original na fonte citada. Devido à grande ampliação de pequeno setor do mapa, as sujidades, dobras, rasgos e pontos existentes no mesmo são ampliados, prejudicando a legibilidade do material.

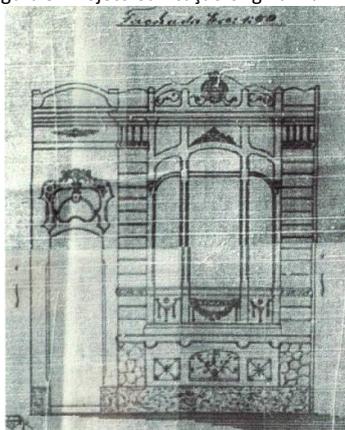


Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

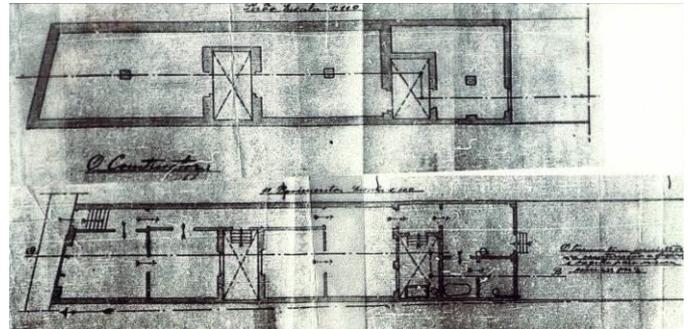
Pela influência da dimensão das formas originais a serem fracionadas, somadas às diretrizes dos Códigos de Posturas vigentes à época, os parcelamentos foram feitos em lotes de pequenas testadas e grande profundidade – também fortemente influenciados pela cultura lusitana.

Grande parte das edificações conformou a morfologia local num casario de porta e janela, luso brasileiro, como aos moldes dos grandes centros de desenvolvimento das capitais nacionais (figuras 5 e 6).

Figura 5: Projeto edificação original Bar Lola



Fonte: Arquivo Público Municipal.



Fonte: Arquivo Público Municipal

Figura 6: Projeto edificação original Bar Lola

Muitas legislações interviram no desenvolvimento da área analisada. O Plano de Melhoramentos de 1914 ditava que:

“deveria cuidar-se, ao projetar o esqueleto da planta, de localizar as ruas secundárias satisfazendo ao máximo as exigências sanitárias quanto à insolação e ventilação das moradias, projetando-se as ruas de tal forma que ambos os lados recebam igualmente sol e sombra, o que aconteceria da melhor maneira na direção sudoeste a nordeste” (MACIEL, 1914).

Nota-se que esta preocupação não se mostrava muito direcionada à Baixa Cidade, e não por dispensar esta necessidade, visto inúmeros comentários sobre o excessivo calor local, mas

porque consagrava zona nada nobre da cidade, liberando tais preocupação ou despesas que deveriam ser melhor aplicadas à zona nobre e central.

O discurso do plano à nova cidade, “melhorada”, “saneada” e “modernizada”, deveria seguir modelo europeu, prevendo recuos frontais e laterais e ajardinamentos para ventilação. Entretanto, muitas inovações foram negligenciadas, sendo executadas quase que apenas as intervenções de higiene: mas nem tanto a pública, mas, principalmente, a moral.

O Plano regia que, no caso dos quarteirões quadriláteros, deveria ser-lhes dada forma retangular, variando as suas faces geralmente de 60 a 80 metros de largura e 120 a 160 metros de comprimento. Este fator foi determinante ao loteamento das chácaras da região.

Um dos maiores impactos locais percebidos foi resultante do projeto da 1ª Perimetral, já previsto nos estudos de Pereira Paiva (1938) e nos mapas de 1956 (conforme verificado em plantas) e apresentado no Plano Diretor de Porto Alegre (1959).

Este se baseava no Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo (1930), e que prometia ser um grande estimulador de crescimento da cidade.

Boa parte do lado ímpar da Rua João Alfredo foi demolido para a abertura da Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto (FRANCO, 2000), assim como foi suprimida grande parte da Rua Avaí e foi demolido todo o quarteirão residencial que hoje comporta o “Largo da EPATUR” (figura 7).

Figura 7 – Curva da Rua João Alfredo e as construções demolidas com a abertura do Largo da EPATUR.



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

O plano de 1959 previu obras de demolição do casario local para reconstrução da região da 1ª Perimetral, que impactaram a paisagem local. A operação acabou por deixar “ao chão” grande parte do bairro, e por descaracterizá-lo com a inserção de grandes vias de circulação desproporcionais a unidade dos lotes originais. As grandes torres comerciais de escritórios previstas foram, em pequena parte, inseridas. Próximo à Elevada da João Pessoa, no Viaduto Imperatriz Leopoldina, duas torres foram executadas, com edificações em caráter pós-moderno. A ideia original de plano, baseado num urbanismo modernista, só demonstra o poder avassalador da destruição da arquitetura de quarteirão, e não apresenta volumes de substituição.

Estas alterações impostas com o Plano Diretor 1959 foram as últimas alterações de desenho urbano locais. Desde então as alterações espaciais couberam tão somente a tipologia, aos estilos arquitetônicos e à manipulação dos índices construtivos, o que acabou provocando

incentivo à verticalização acentuada no bairro, se contrapondo às edificações térreas de pequena testada.

Desta maneira, muitos edifícios modernistas, de qualidade, foram edificados no local, principalmente à Avenida João Pessoa e às Ruas Venâncio Aires, Lima e Silva, José do Patrocínio e República. Nas demais, de menor mobilidade, ainda se preservam bons exemplares de sua arquitetura antiga, com casarões ou edificações térreas, ecléticas ou até operárias.

Coube, então, ao PDDUA (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, 2000), apenas preservar o que restou das intervenções anteriores.

Suas diretrizes demonstram cuidado com a preservação, tanto urbana, quanto ambiental e até mesmo cultural da área, classificada como “área especial”. Ainda cabem discussões sobre a falta de controle dos processos de alterações das tipologias originais, que caracterizam fortemente o bairro e que estão sendo modificadas a cada dia, pela epidêmica troca de usos de residencial para comercial, que contaminou o bairro.

### **3.2. CLASSIFICAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES**

Para o trabalho, buscou-se fazer uma categorização dos tipos de arquitetura existentes no local, e de suas formas de consolidação de espaços híbridos.

Em levantamento feito sobre a Cidade Baixa, no período entre 1964 e 2006, foram constatados 223 espaços de lazer noturnos, incluindo bares, restaurantes, *pubs*, dentre outros. Destes, muitos não perseveraram aos dias atuais, sendo fechados, trocando de proprietário e nome, etc. Em 2006, do total levantado, 167 espaços identificados na região continuavam ativos.

Considerando a necessidade de análise das ações que se dão em frente às edificações utilizadas para fins de lazer, foi necessária uma categorização dos espaços, a partir de suas características físicas, relacionadas à arquitetura e tipologias, e das apropriações humanas, a partir de sua presença e forma de organização no espaço.

Assim, os lugares analisados foram separados em quatro formas: edificações com características de estilos “históricos”, edificações modernistas, edificações sem características de estilos “históricos” (construções sem traços de um estilo ou movimento arquitetônico) e construções vernaculares (garagens).

#### ***EDIFICAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS DE ESTILOS “HISTÓRICOS”:***

As edificações desta categoria apresentam volumetria; ordem, ritmo e dimensionamento de aberturas e elementos de arquitetura como adereços que remetem a estilos arquitetônicos históricos. Na grande maioria, categorizam-se edifícios ecléticos.

Estas unidades estão adaptadas a cafés, bares mais introspectivos (até mesmo pelo porte do espaço), lugares culturais. São locais de preferência a pessoas ligadas à cultura, com profissões e trabalho nesta área, como publicitários, artistas, arquitetos, fotógrafos, jornalistas, poetas, etc. (figuras 8 e 9).

As edificações com caráter histórico remetem a questões de memória local, ajudando a mantê-la e perpetuando a aura local. Há concentração destes espaços, principalmente, à Rua

República – rua antiga da cidade, que recebeu reformas, melhoramentos, aumento de pavimento e colocação de adereços para a visita de Dom Pedro II, em 1822, a qual ela o homenageava quando tinha o nome de Rua do Imperador (FRANCO, 1996, p. 342-343).

Nesta rua, coincidentemente há concentração de público GLS, que predomina nestes espaços, ligados à produção cultural da cidade.

Figura 8: Pinacoteca Bar - Rua da República, 409



Fonte: Foto da autora



Fonte: Foto da autora

Figura 9: Padaria da República - Rua da República, 222

### **EDIFICAÇÕES MODERNISTAS:**

As edificações desta categoria apresentam características do Movimento Moderno, na arquitetura. Edifícios altos, com pavimento tipo residencial e base comercial – edifícios que tiveram sua construção a partir da década de 50, e cuja produção foi estimulada pelos índices e pensamento à época de criação do Plano Diretor de 1959.

Às unidades comerciais das bases destes edifícios estão alocados estabelecimentos comerciais baseados em alimentação e lazer (figuras 10 e 11).

Estas edificações altas mesclam os usos tradicionais do bairro residencial com novos espaços ao abastecimento de comércio local. Devido às características formais de concepção do térreo, ele apresenta-se com mais transparência e permeabilidade, devido aos grandes vãos, modulados conforme distanciamento de pilotis. Estes exemplares se encontram disseminados por toda a região do bairro, concentrando-se às vias de maior visibilidade, mobilidade urbana e valor imobiliário: Avenida João Pessoa, Rua Lima e Silva, Rua José do Patrocínio, Rua Venâncio Aires.

Devido à área ofertada e limpeza de estilos e vinculações de memória e aura, os espaços comerciais das bases destas edificações possibilitam flexibilidade de projetos se interiores, podendo flexionar o caráter conforme a proposta temática do empreendimento. Assim, neles se executam boates, cafés para público GLS e predominantemente bares frequentados em dias de jogos de futebol, com frequência predominantemente masculina.

Figura 10: Café Mediterrâneo



Fonte: Foto da autora  
Figura 11: Café Garrafas



Fonte: Foto da autora

### **EDIFICAÇÕES SEM CARACTERÍSTICAS DE ESTILOS “HISTÓRICOS”:**

As edificações desta categoria não apresentam características formais de concepção projetual referentes a nenhum estilo ou movimento específico da Arquitetura. Tampouco sua concepção apresenta tectonicidade – característica físico-espacial que conforma o pensamento projetual e conceutivo entre forma e função. São edificações com volumetria, organização de aberturas, térreo organizados para atender a demanda de programa de necessidades, tendo um resultado satisfatório, coerente e eficiente. Estas edificações também foram estimuladas principalmente pelo Plano Diretor de 1959, e apresentam acabamentos semelhantes e contemporâneos aos dos edifícios modernistas.

Às unidades comerciais dos térreos destes edifícios estão alocados estabelecimentos comerciais baseados em alimentação e lazer (figuras 12 e 13).

A área e organização dos espaços comerciais são mais restritas, principalmente porque, geralmente, ocupam apenas uma frontal à base da edificação, ocupando quase toda a sua largura, descontando o acesso principal da edificação. É possível que algumas destas salas teriam sido projetadas, inicialmente, como um espaço para garagem (por vezes uma só vaga). Tal hipótese poderá ser futuramente, investigada à localização dos projetos originais.

Devido às modestas áreas ofertadas na base, os espaços utilizados geralmente atendem uma população bastante restrita. Somando-se o pouco espaço interno à grande abertura de acesso ao estabelecimento ao exterior, a vazão da ocupação por seus frequentadores é quase óbvia. Espaços menores como este são utilizados para lugares mais introspectivos em seu interior, devido à dimensão, e extrovertidos em seu exterior, devido à exposição aos passantes em passeio público, além da integração com o ambiente externo. Este extravasamento do uso é possível devido às questões de desenho urbano e de sua escala.

Ambientes comerciais nesta categoria têm mais sucesso de desenvolvimento econômico e de público na condição de estar se abrindo à larga calçada. Nestes casos, a ocupação por mesas

em seu exterior se dá próximo à fachada e próximo ao meio fio, deixando espaço de passagem aos pedestres. Não há vinculação de público predominante neste modelo.

Figura 12: Cine Bar Café



Fonte: Foto da autora

Figura 13: Ossip Bar



Fonte: Foto da autora

### **CONSTRUÇÕES VERNACULARES (GARAGENS):**

As edificações desta categoria não apresentam características formais de concepção projetual de Arquitetura. Trata-se de construções mógicas, desprovida de pensamento projetual. Resumem-se a grandes espaços, fechados por elementos verticais e horizontais de vedação. Geralmente com uma única abertura na fachada, que pode ser uma porta de garagem ou uma esquadria com modulação para abertura.

Geralmente são volumes enclausurados, com paredes às divisas. São espaços que ocupam toda, senão boa parte da fachada, e muito da profundidade do terreno. Supõe-se que extrapolam os índices construtivos da região. Assemelham-se à estrutura tipológica de um ginásio de esportes ou garagem.

A estas unidades comerciais (geralmente térreas), desenvolvem-se atividades predominantes de alimentação (figuras 14 e 15).

A área destes locais é bastante ampla, permitindo uma organização de layout e funcionamento bem resolvida. A impessoalidade do espaço original permite flexibilização de projetos de interiores para adaptação dos espaços à temática local.

Ambientes deste modelo assemelham-se ao funcionamento das edificações sem estilo definido, com térreo comercial de grande permeabilidade ao exterior: permitem extravasamento de público, e têm melhor funcionamento em locais onde o desenho urbano proporcionou largas calçadas. Também se desenvolve em edificações que não ocupam o recuo de jardim, mas que o usufruem sob implementação de mobiliário. Não há vinculação de público predominante neste modelo, senão ao uso aplicado, que inclui restaurantes e botecos

para público de grande poder aquisitivo, à estabelecimentos que comercializam lanches a preços bastante populares.

Figura 14: Só Comes Bar



Fonte: Foto da autora

Figura 15: Speed



Fonte: Foto da autora

#### 4. FORMAS DE APROPRIAÇÃO SOCIAL

##### 4.1. APROPRIAÇÃO PERMANENTE POR OCUPAÇÃO COM ELEMENTOS E MOBILIÁRIO DE INTERIORES

Nesta categoria, os elementos externos como mobiliário, iluminação, vasos com plantas e demais objetos decorativos ficam fixos à parte externa da edificação, mesmo quando o estabelecimento não está em funcionamento. A demarcação de espaço social permanece, agregando o lugar do público mesmo no exterior arquitetônico. A ocupação social se dá pela demanda diária, dependendo da variação do público (figura 16).

Figura 16: Boteco do Pedrini



Fonte: <http://www.qualeaboa.com.br/guia/boteco-pedrini/attachment/pedrini-lima-e-silva/>

## 4.2. APROPRIAÇÃO TEMPORÁRIA DIÁRIA;

Nesta categoria, a instalação dos elementos externos que configuram a apropriação são instalados e desinstalados diariamente.

### ***POR OCUPAÇÃO COM ELEMENTOS E MOBILIÁRIO DE INTERIORES***

São utilizados, externamente, mobiliário, iluminação, vasos com plantas e demais objetos decorativos. A demarcação de espaço social permanece somente durante o funcionamento do bar, agregando o lugar do público mesmo no exterior arquitetônico. A ocupação social se dá pela demanda diária, dependendo da variação do público (figura 17).

Figura 17: Fachada do Bar Pinguim, à Rua Lima e Silva.



Fonte: [http://gothegolnew.blogspot.com.br/2011\\_05\\_01\\_archive.html](http://gothegolnew.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html)

### ***POR OCUPAÇÃO CORPORAL, APENAS***

A demarcação de espaço externo, para uso social só se dá com a presença, permanência e concentração de público junto ao estabelecimento, no seu exterior. A ocupação social se dá pela demanda diária, dependendo da variação do público, que alterna com as atividades, ofertas, motivações promovidas no lugar ou grupo (figura 18).

Figura 18: Fachada do Bar Tutti Giorni no dia do seu fechamento.



Fonte: <http://ocafe.com.br/televisao/tag/porto-alegre/>

## 5. FATORES DE DESEMPENHO ESPACIAL À URBANIZAÇÃO NOS INTERIORES

Percebe-se que certas tipologias proporcionam maior ou menor potencial de urbanização em seus espaços internos.

Este fenômeno ocorre pela fusão entre interiores e exteriores dos bares, (REIS, 2003, *passim*), a partir do extravasamento de usos. Estes *place leaks*, quando efetuados em espaços híbridos, ocorrem pela permeabilidade de usos e da arquitetura de interiores aos exteriores. Percebe-se que atualmente, já não há diferenciação de qualidade, acabamentos e materiais do mobiliário interno e externo do bar. Hoje o mobiliário é o mesmo, ainda que nas situações onde ele é permanente (e por isso deve ter resistência para ficar exposto às intempéries). Esta uniformização garante unidade visual ao espaço, permitindo não somente uma integração visual, mas fortalece a permeabilidade e diminui a diferença, distanciamento entre os espaços, evitando o sentimento de exclusão do espaço. Além disso, para a linguagem, aparência e ambiência local, a unidade garante melhor legibilidade, orientação, qualidade espacial estética e aponta cuidado com a aparência.

## 6. CONCLUSÕES

Os resultados do trabalho, que se encontra em estágio inicial, apontam alguns indícios que respondem à demanda das questões sobre o fenômeno da urbanização nos interiores.

Pelas análises até então efetuadas sobre a amostra coletada e sobre o período proposto, percebe-se que a arquitetura é fator determinante à criação espacial da sociabilidade, implicando, através de sua superfície de contato com o uso, na paisagem local. As características de estilo da edificação e de ordem, frequência, ritmo e dimensão de suas aberturas influenciam a criação de espaços híbridos e proporcionam, incentivam, limitam, definem e/ou inibem a criação de espaços físicos de transição entre exterior e interior. Esta estruturação define forma de organização, *layout*, quantificação de espaços de permanência externos e densidade social nos locais limítrofes às entradas de estabelecimentos comerciais. Estas questões determinam a ambiência local.

Questões como desenho urbano são primordiais na definição/ consolidação/ limitação/ incentivo do desenvolvimento destes vários itens.

O posicionamento das edificações em relação aos quesitos alinhamento predial e passeio público, assim como o dimensionamento deles, implicam a criação ou não de espaços adjacentes aos estabelecimentos, e determinam a forma de abertura destes ao espaço público – escala, organização, *layout*, dimensionamento, densidade.

A tipologia local, frequência, escala, proximidade (pelos recuos laterais), somados às determinações de desenho urbanas, supracitadas, implicam em questões morfológicas. A leitura do conjunto edilício conforma a interface arquitetônica local. Sua proximidade e quantidade de aberturas à rua, assim como a escala, usos e práticas nelas exercidas, consolidam a interface oportuna ao desenvolvimento da vitalidade local.



Esta é definida não pela circulação potencializada pelas atrações de cunho social (sabe-se que pessoas atraem pessoas), tampouco pelo simples percurso entre âncoras potenciais de comércio, serviços ou lazeres. Também não se define pelo deslocamento, ainda que este consolide um lugar que conecta outros lugares, mas, o largo, espaço, ambiente ou lugar que concentra, em escala confortável, uma população atraída pelas atividades exercidas, potencializadas, promovidas à interface.

Estas questões arquitetônicas somam-se às questões de ordem sociológica/antropológica. Sentimentos de identidade, pertencimento, grupo, tribo, reconhecimento (como pertencente a um grupo econômico, social, tribal) imprimem identidade à população frequentadora /visitante e garante a definição de perfil do bar e de seus usuários, implicando em questões de ambiência e paisagem urbanas. Dentre as questões humanas, cita-se a manifestação da moda, comportamento e ações de sociabilidade – práticas urbanas.

O presente trabalho apresenta uma pequena amostra e resultados conclusivos a serem utilizados como diretrizes e hipóteses à pesquisa em escala maior, que deve buscar sustentar as conclusões apontadas neste estudo.

## 7. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- CASTELLO, Iara. CASTELLO, Lineu. Nos anos 00s, o planejamento também pode recomeçar do zero. In: **Anais do X Encontro Nacional da ANPUR**. ST6. Pp. 12- 13
- CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004)**. 2005. Tese. (Doutorado). UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2011. 371p.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2000. 155 p.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. – 3. Ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. 440p.
- GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2013. 262p.
- HOFFMANN, Ana Cleia Christovam. **À moda da casa: éticas e estéticas da cultura jovem no cenário contemporâneo do bairro Bom Fim**. 2011. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte). Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, 2011.
- INDA, Pedro Augusto Alves de. **O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre**. 2003. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: Origem e Crescimento. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1968; MACEDO, op. cit.; MACEDO, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 88p.
- MACIEL, João Moreira. **Projeto de Melhoramentos e Orçamentos apresentados ao Intendente Dr. José Montauray de Aguiar Leitão**. Porto Alegre. Livraria do Comércio, 1914, pp.4-16.



MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo : Terceiro Nome, 2007. 279 p.

MARTINS, André Silva. 2009. Sociabilidade Neoliberal. In: Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Endereço: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/socneo.html>

MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade.** Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Claudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre.** 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. **Formas Urbanas: a dissolução da quadra.** Porto Alegre: Bookman, 2013.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA),** 2000.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. *Posturas Policiais.* Porto Alegre, Tip. Do Comércio, 1847. p.1. apud MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: história e vida da cidade.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.73.

REIS, Vanessi. **Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964 – 2006).** 2013. 256p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2013.

REIS, Vanessi. **Framentos Visuais e (In)Visibilidade da Colônia Africana - Questões sobre a imagem e a Visibilidade de um Lugar malvisto da Cidade.** In: Simpósio Internacional Imagem Cultura Visual e História da Arte. Porto Alegre: PUCRS, 2012. 10p.

SACK, R.D. **Human Territoriality – its Theory and History.** Cambridge, Cambridge. Univ. Press. 1986.

SPALDING, Walter. Pequena história de Pôrto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967. p.29

SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo.** São Paulo: Nobel, 1989. 156 p.

TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. **Aplauso - Cultura em Revista.** Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. pp. 22-29

<http://casaraodobixiga.com.br/o-bairro-do-bixiga/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gora>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bixiga>